

O *rhetoric turn* e a matéria cavaleiresca alemã na Idade Média Central (séculos XI-XIII)

A matéria arturiana alemã.

Marcus Vinicius de Abreu Baccega¹

Ich will uch sagen wie das were.

Prosa-Lancelot.

Titel: Der *rhetoric turn* und die deutsche Ritterschaftsmaterie im Zentralmittelalter (11. bis 13. Jahrhundert). Die deutsche Artusmaterie.

Title: The *rhetoric turn* and the German chivalry matter in Central Middel Ages (11th to 13th centuries). The German Arthurian matter.

Palavras-chave: *rhetoric turn* – Ciclo Arturiano – representações – Sacro Império Romano

Schlüsselwörter: *rhetoric turn* – Artuszyklus – Vorstellungen – Das heilige römische Reich deutscher Nation

Key-words: *rhetoric turn* – Arthurian Cicle - Representations – Holy Roman Empire

O *Rhetoric Turn* nas Ciências Humanas.

O século XX foi marcado por notáveis rupturas de paradigma no campo das Ciências Humanas, evidenciando os profundos e duradouros debates metodológicos e mesmo

¹ Professor de História Medieval e Teoria da História na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor em História Medieval pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (Faculdade de Direito do Largo de São Francisco). Foi Pesquisador Convidado (*Gastwissenschaftler*) junto ao Departamento de Germanística da Justus-Liebig Universität zu Gießen, Alemanha (biênio acadêmico 2010-2011). Realizou Estágio Pós-Doutoral no Laboratoire de Médiévistique Occidentale de Paris (LAMOP), na Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Contato: marcusbaccega@uol.com.br.

Abreu Baccega, M.V. – O rhetoric turn na Idade Média

epistemológicos entre seus pesquisadores. Em primeiro lugar, interessam os estudos sobre Lógica Formal e Teoria da Linguagem efetuados pelo Círculo de Viena (*Wiener Kreis* ou *Ernst Mach Verein*) no início do século XX, contando com pensadores clássicos como Rudolf Carnap, Moritz Schlick, Otto Neurath, Ludwig von Bertalanffy, Hans Hahn e Gustav Bergmann. Influenciados pelo positivismo lógico de Ernst Mach, foram responsáveis pelo início do célebre *linguistic turn* nas Ciências Humanas, o que se confirmaria e fortaleceria com a filosofia analítica, associada ao pensamento de Ludwig Wittgenstein, sobretudo no *Tractatus Logico-Philosophicus* de 1921. Destacasse, no universo de língua inglesa, como autor tributário do Círculo de Viena, o lógico estadunidense Willard Quine.

Ainda na Europa de cultura alemã, os estudos sobre Lógica e Teoria da Linguagem, acalentados no quadro da Fenomenologia de Edmund Husserl (*Investigações Lógicas*, 1900/1901) exerceram grande influência sobre o *giro ontológico* na Hermenêutica Filosófica, que se deu como implicação da analítica do *da-sein* de Martin Heidegger, em *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, de 1927. Com efeito, desde suas origens na Teologia, especialmente na exegese bíblica, a Hermenêutica preocupou-se em atuar como uma Epistemologia, como se infere, com clareza, dos trabalhos de Friedrich Schleiermacher, nos cursos ministrados em Universidade de Halle-Wittenberg, entre os anos de 1805 e 1833 e compilados sob o título de *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação (Hermeneutik und Kritik)*. Assim foi recepcionada por Husserl, mestre de Heidegger na Universidade de Marburg, Hessen.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger expressa sua concepção sobre a urgência de se retornar à questão do Ser (*Sein*, e não *Wesen*), assim principiando o movimento de transformação da Hermenêutica em uma Ontologia, mas essencialmente pós-metafísica. Portanto, a Fenomenologia deveria constituir, enquanto hermenêutica filosófica, uma Analítica do *Dasein*. Trata-se, então, de uma ontologia histórica e historicizante, uma vez que enfoca o ser que é, sendo. O *ser-aí (da-sein)*, definidor da condição humana na materialidade do mundo, é aquele se se constroi, transforma e ressignifica suas representações no solo ontológico da história, aí constituindo sentidos sempre novos para a existência.

Por sua vez, esse *giro ontológico*, que também caracteriza a Hermenêutica como uma filosofia da linguagem, enquanto morada do ser (*Sprachlichkeit*), foi incisivamente

Abreu Baccega, M.V. – O rhetoric turn na Idade Média

ativo sobre o *narrative turn* do final dos anos 1960 e 1970. A partir da obra do filósofo francês Paul Ricoeur, a narrativa consagrou-se como forma da História e fez-se também influente sobre a Teologia, permitindo a seus respectivos discursos romper a clássica dicotomia entre explicar e compreender. No debate intelectual alemão oitocentista e mesmo novecentista, esses dois termos designavam dois campos epistemológicos diversos e, de alguma forma, inconciliáveis. Neste lastro, caberia às ciências causal-explicativas (*Naturwissenschaften*) explicar, precisamente pela causalidade implicada pela Lógica Formal, os fenômenos matematizáveis da natureza. Por outro lado, competiria às ciências da compreensão (*Kulturwissenschaften*) perscrutar, de modo indutivo, o sentido das ações sociais, que se davam no lastro da ideia de civilização (*Kultur*).

As breves considerações ora tecidas nos permitem vislumbrar o *rhetoric turn*, desde a década de 1990, como uma espécie dialética de ruptura e continuidade com os paradigmas anteriores. Trata-se, sim, de perscrutar a gramática filosófica de uma rede de pensamentos, discursos, falas, representações e interpretações como um campo intertextual, tornando-se, então, compreensível que as sociedades humanas se constroem, em sua historicidade imanente, como formações discursivas (Michel Foucault). Se a compreensão das tessituras e tensões sociais, do tempo como *locus* de sua permanente transformação, implica a dissecação de sua gramática, o *giro retórico* inova, em relação ao anterior *giro linguístico*, ao enfatizar a dimensão pragmática como fundamento da estrutura semiológica.

Com efeito, como enfatizam, no campo da Lógica, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, ou, no campo do Direito, Theodor Viehweg e, no Brasil, Tércio Sampaio Ferraz Júnior (USP), não é pensável o sentido (semântica) ou a inter-relação entre os signos (sintaxe) sem a prévia intelecção da processualidade das situações comunicativas concretas, históricas (pragmática). Por conseguinte, apenas o pressuposto da compreensão da pragmática da comunicação humana pode facultar a análise da totalidade semasiológica de um texto, sem desmembrar as dimensões do triângulo semiótico (Charles Sanders Peirce).

Nossa proposta, neste texto, é focar as narrativas cavaleirescas do Sacro Império Romano (Império Alemão) em sua historicidade e como um privilegiado *lugar da memória* (*lieu de mémoire*, Pierre Nora) para investigarmos os conflitos políticos e

ideológicos relativos ao projeto universalista dos imperadores romanos, em sua contraposição às pretensões – também universalistas – do Papado.

A Matéria Cavaleiresca Alemã na Idade Média.

No campo da História da Cultura em nossos dias, Carlo Ginzburg compreende que a Retórica, como dimensão articuladora fundante do campo da ação discursiva e comunicativa, é, por excelência, o fundamento metodológico da História, ciência hermenêutica da finitude e da singularidade do humano. Nestes termos, no belo livro *Relações de Força – Histórica, Retórica, Prova* (2000), ao contrapor-se à tônica pós-moderna – sintomaticamente representada pelos trabalhos de Hayden White - de que a História corresponde a mais um gênero literário, uma narrativa ficcional que efabula o passado, Ginzburg apela para a Retórica como instância de construção e enunciação de verdades socialmente circunstanciadas.

Trata-se aqui, destarte, de articular esta perspectiva contemporânea de Retórica – tal como resgatada por Perelman, Tyteca e, no Brasil, Dante Tringali – à Retórica propriamente medieval, pensada como virtude do bem dizer, ou seja, o estudo e a técnica rigorosos – sentido da *ars* medieval – para a *inuentio* (encontro, descoberta, achamento) dos argumentos por meio dos quais se deduzem e veiculam o verdadeiro, o justo, o belo. Não por acaso, como assevera Walter Haug, em *Literaturtheorie im deutschen Mittelalter* (1992), a Retórica medieval, enquanto *ars sermocinalis* (disciplina do *Trivium*), recepcionou os grandes *rhetores* romanos Cícero (*De oratore* e *De inuentione*) e Quintiliano (*Institutiones Rhetoricae*). O primeiro, na verdade, fez-se reconhecer como *auctoritas* para os medievais a partir de um „apócrifo“, *Rhetorica ad Herennium* (c. 90.d.C.), atribuído, pelos medievais, a Cícero e, depois, a Cornifício (Haug, 1992: 08-11). No fundo, como atestará o *rhetor* eclesiástico centro-medieval Alain de Lille, em *De poetica planctu naturae* (1171 d.C.), a grande e primordial *auctoritas* é Aristóteles, seja na *Arte Retórica* ou na *Arte Poética*, ambas de meados do século IV a.C.

Interessa-nos, doravante, enfatizar como a tradição arturiana alemã diferenciou-se da matriz francesa e cunhou uma *Matéria Arturiana Alemã* com características muito específicas, moldadas pelas tensões de força e pela dinâmica cultural próprias à

Abreu Baccega, M.V. – O rhetoric turn na Idade Média

sociedade alemã da Idade Média Central. Pensamos que o intertexto alemão, no qual se deu a recepção dos mitemas arturianos no Sacro Império Romano vindos da Bretanha e da Provença através da Borgonha, integrada ao Império em 1032, encontra seu ápice na *Gral-Queste* alemã (c. 1290).

Longe de representar meramente uma tradução da versão francesa do *Ciclo do Lancelot-Graal*, esta *Suche nach dem Gral* alemã, que no século XV seria recompilada junto à matéria referente ao cavaleiro Lancelot do Lago no *Prosa-Lancelot*, é portadora de um índice claro de germanização (*Verdeutschung*) dos mitemas arturianos. Este processo histórico, que se deu no plano da cultura intermediária alemã, aponta para uma sobredeterminação (*Überdetermination*) da prosa romanesca acerca da cavalaria. Em virtude do fenômeno da circularidade cultural, proposto por Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965) e evidenciado por Carlo Ginzburg no célebre *O queijo e os vermes* (1976), o mito arturiano ressignificou os discursos da Cúria Romana e das chancelarias imperiais acerca da cavalaria. Neste contexto, as disputas políticas e as injunções culturais e ideológicas do Sacro Império Romano durante o período centro-medieval encontrarão na prosa romanesca de cavalaria, sobretudo arturiana, sua camada de representação ideológica, a um só tempo duradoura e profundamente tensionada.

Como se refere Heitor Megale (USP) em *A Demanda do Santo Graal: das porigens ao códice português* (2001), a Matéria da Bretanha significou, na Idade Média Central, uma verdadeira *Scriptura Virtualis*, com uma difusão ímpar no período (Megale, 2001: 30 e 31). *Scriptura Virtualis* não apenas por se comparar, ainda que palidamente, à capilaridade da Bíblia entre os séculos XI e XIII, mas por constituir um imenso campo textual de *legenda*, vale dizer, textos que „devem ser lidos“ justamente na medida em que protraem, no tempo e no espaço, as verdades reveladas do *querigma* católico.

Lancelot sonha o Império.

A economia interna dos escritos romanescos apresenta uma sintaxe textual bastante peculiar, que se estrutura, precisamente, ao redor da díade *instância de ação cavaleiresca/instância de interpretação da ação*. Como observou Tzvetan Todorov

Abreu Baccega, M.V. – O rhetoric turn na Idade Média

quanto à *Queste del Saint-Graal* francesa – e o mesmo vale para os textos português e alemão – as aventuras e sonhos dos cavaleiros, à procura pelo Graal, são portadores de uma dimensão significativa, no sentido em que tal termo se apresenta no triângulo linguístico de Ferdinand de Saussure (Todorov, 1970: 170-173).

Ao final de cada feito em armas, ou após despertar de um sonho permeado por elementos maravilhosos e de significação incógnita, a perplexidade invade o coração dos cavaleiros, que atingem alguma consciência de que há algo a ser compreendido, um sentido a que não conseguem, por si mesmos, aceder. No episódio seguinte, os cavaleiros sempre se deparam com um eremita, um clérigo errante, uma reclusa ou, especificamente no caso de Galaad e sua linhagem, com monges brancos (Ordem de Cister). Esta segunda categoria de integrantes do enredo raras vezes é indagada pelos próprios cavaleiros ao início do diálogo, sendo esses últimos, antes, interpelados pelos clérigos. Ao relato das circunstâncias misteriosas, ou mesmo das aparentemente triviais, de cada batalha ou de cada imagem onírica, segue-se uma interpretação por parte dos homens de fé, que inserem o episódio singular da aventura na moldura maior do mito cristão e sua História da Salvação.

Vislumbremos o sonho do condestável de Logres, o adúltero Lancelot, que rompe, em felonía, a ordenação feudovassálica que o vincula ao Rei Arthur:

Pois que estava adormecido, então lhe pareceu que perante ele veio um homem, ocupado de estrelas em todo redor, e tinha em sua companhia sete reis e dois cavaleiros, e ele tinha uma coroa dourada sobre sua cabeça. E então vieram perante Lancelot e ficaram quietos e inclinaram-se para a cruz e lá à frente fizeram sua oração. E pois que tinham longamente rezado, então se sentaram todos e seguraram suas mãos contra o céu e clamaram com voz alta: “Senhor do Céu, vem nos ver e dá a cada homem o que ele merece e nos coloca em tua casa, pois muito desejamos entrar”. E pois que o tinham dito, então se calaram todos calmos. E então viu Lancelot que as nuvens se abriam e de lá saiu um homem com grande companhia de anjos e desceu e deu para aqueles sua bênção, e os chamou servos bons e verdadeiros e falou: Minha corte está pronta perante todos vós, vinde à alegria que nunca toma fim!”. E pois que o tinha feito, então veio ele a um dos dois cavaleiros e falou: Não foste meu amigo e por toda a via guerreaste contra mim. Foge daqui, quando perdi tudo aquilo que te encomendei, e eu devo te afundar, tu me ganhas então de novo meu tesouro”. E pois que ouviu esta fala, então fugiu dos outros e pediu graça tão triste como podia. E o homem falou: “Se queres, eu te tenho amor, se quiseres, assim te odeio”, e aquele se apartou dos outros e da companhia. E o homem que desceu do céu veio ao mais jovem dos cavaleiros dentre eles todos e lhe deu asas e falou: “Querido filho, podeis voar sobre toda a cavalaria”. E então ele começou a voar. Então se tornaram suas asas tão grandes e tão maravilhosas que todo o mundo foi coberto por elas. E ele se

Abreu Baccega, M.V. – O rhetoric turn na Idade Média

elevou contra as nuvens, e de pronto se fechou o céu, para acolhê-lo e ele seguiu dentro sem obstáculo (Baccega, 2015: 258 e 260).²

O monarca estrelado, suserano de outros sete, pode perfeitamente representar uma recriação mito-poética de Henrique IV, o Sacro Imperador Romano que desafiou tanto as suseranias locais dos príncipes como a pretensão de *plenitudo potestatis* de Gregório VII, que redundaria na subjugação do Império Alemão. Tal ilação nos parece acertada na medida em que Henrique IV portava sempre, como insígnia imperial, por ele concebida como seu traje de ostentação pública, um manto decorado com sóis e estrelas. O traje era, certamente, uma alusão a um poder cósmico, uma ligação direta, imediata e não filtrada pelo Papa, entre a pessoa ungida – sacramentada – do Imperador e Deus mesmo, que lhe transmite a *potestas*.

Neste projeto imperial de universalismo cristológico, o monarca constitui-se, nesta visão de Lancelot, em lugar-tenente de Cristo na Terra, bastando, para tanto, lembrar como Deus se manifesta, neste sonho, a pedido do Rei Estrelado. O conto-narrador refere-se a sete reis coroados, além dos dois cavaleiros, cuja identidade dispensa maior esforço de decifração. São Galaad e o próprio Lancelot, a quem Deus oferece a danação eterna ou a alternativa da penitência, de acordo com a prédica de Deus ao Povo Eleito presente ao *Livro do Deuteronômio* (30,19): “invoco hoje por testemunhas o céu e a terra, de que vos propus a vida e a morte, o bem e o mal, a bênção e a maldição; elege, pois, a vida, para que tu vivas, tu e a tua semente” (Baccega, 2015: 364 e 365).

Em uma lista definitiva que se firmaria apenas em 1356, sete são os Príncipes Eleitores do Império Alemão: três eclesiásticos que não deixavam de ser grandes senhores banais, os Arcebispos de Trier, Mainz e Köln, além dos laicos Rei da Boêmia, o Margrave de Brandenburgo, o Duque da Saxônia e o Conde do Reno. Por conseguinte, na epifania onírica de Lancelot, que perde sua condição de melhor cavaleiro do mundo para o filho bastardo, Galaad, outro *Corpus Mysticum Christi* se afigura: o Santo Império Romano e os príncipes que legitimam a suserania feudal do Imperador.

² Este trecho, traduzido para o português contemporâneo, da versão alemã finissecular (c. 1290 d.C.) de *A Demanda do Santo Graal*, foi retirado de nossa tradução, publicada pela Editora Hedra em 2015.

Abreu Baccega, M.V. – O rhetoric turn na Idade Média

Por fim, o *rhetoric turn* nos permite concluir, em brevíssimas palavras, que as narrativas cavaleirescas arturianas alemãs – enquanto *legenda* portadores de uma verdade sagrada – constituem o tensionado *locus* retórico em que se procura tecer uma espécie de compromisso entre a doutrina cristã, cuja voz interpretativa autêntica é o *Sacerdotium*, e o poder laico do *Regnum*. À maneira de Antonio Gramsci, trata-se de sacramentar os próprios termos ideológico-representativos em que se dá a construção do bloco histórico hegemônico das formações sociais centro-medievais no Império: o compromisso das duas aristocracias, a nobreza e o clero.

Referências bibliográficas

- BACCEGA, Marcus. *A Demanda do Santo Graal: o manuscrito de Heidelberg*. São Paulo: Hedra, 2015.
- BACCEGA, Marcus. *O Sacramento do Santo Graal*. Curitiba: Prismas, 2015.
- BIBLIA SACRA VULGATA*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1917.
- FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. *Direito, Retórica e Comunicação*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- HAUG, Walter. *Literaturtheorie im deutschen Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1992.
- MEGALE, Heitor. *A Demanda do Santo Graal: das origens ao códice português*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. A Demanda da Narrativa. In: Todorov, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.